

## VAI SABER!

**\* Roberto Rodrigues**

Em todo pequeno povoado deste sertão brasileiro existem figuras muito interessantes, divertidas algumas, trágicas outras, às vezes resultado da miscigenação das poucas famílias moradoras.

Cruz Branca do Meio não é uma exceção. Havia lá, nos idos dos anos 60, um educado cidadão, dono da única farmácia local, que era considerado o mais culto habitante da vila. Leitor dos clássicos gregos, chegou a batizar um filho com o estranho nome de Platão Sócrates da Cunha. Era o “seu” Cunha da Farmácia, vereador por dois mandatos, a quem todos recorriam quando alguma dúvida importante surgia. Foi assim quando os americanos desceram na lua, em 1969. Não havia TV no Meio, de modo que ninguém assistiu à formidável façanha. Mas havia rádio, havia a passagem de uns poucos forasteiros que traziam as novas, e o assunto virou a coqueluche dos meienses. Quem ouvia as notícias pelo rádio acabava aumentando o evento, aproveitando-se da ignorância dos outros; e os passantes, percebendo o frenesi que o assunto provocava, contavam lorotas imaginárias, inventando até monstros que habitavam o lado escuro da lua...

Na verdade, até hoje existem, mundo afora, muitas pessoas que descreem do pouso no nosso romântico satélite.

Seja como for, em Cruz Branca do Meio, depois de algumas semanas de incerteza quanto à viagem lunar, começaram a procurar o “Seu” Cunha da Farmácia para esclarecimento. Ele tratou de entender melhor do tema, mas como não havia internet nem fax, o jeito era perguntar para os conhecidos da capital. O telefone, de manivela e pregado na parede, era precário, e não se ouvia com nitidez, a menos que fosse de madrugada, hora imprópria para chamar os urbanos da cidade grande.

Mas “Seu” Cunha acreditou no fato e passou a defendê-lo vigorosamente: “sim senhor, gente, os americanos desceram na lua sim”... “não tem nada vivo lá, porque falta oxigênio”, e assim ia o povo ouvindo e crendo ou descrendo.

Mas, a poucos quilômetros da vila, um velho aguardenteiro, Nico da Força, fazia sua cachacinha com o pouco da cana que produzia. Vendia metade da pinga produzida, e bebia a outra metade. Por isso nunca foi para a frente. Mas tinha um conviva permanente. Surpresa: o Cunha da Farmácia ia pelo menos 3 vezes por semana, no fim da tarde, tomar uma cachaça com o Nico.

Anos a fio assim fizeram e ficaram amigos fraternos. A cachaça tem isso, cria irmandades meio secretas...

Pois bem. Com quase 80 anos, no final dos anos 90, Nico foi para o ambulatório da vila, com uma cirrose irrecuperável, que tinha lesado não apenas o fígado. Foi para morrer.

E, no leito de morte, pediu para ver o amigo farmacêutico.

- Nhô Cunha, sei que tô morrendo. Num quero ir embora sem esclarecer uma coisa que verruma meus miolo. Num querdito em ninguém, mas em vancê

eu querdito. Se vancê me falá um coisa de verdade, posso parti tranquilo. Mas vancê tem que jurá que vai mi falá verdade. Cê jura?

- Claro, Nico, e eu ia enganar meu amigo?

- Tá bõ, então mi fala a verdade meu cumpade, mais a verdade, hein? Cumpade, é verdade que os home desceu na lua? Ou era fita inventada?

O farmacêutico, pacientemente, explicou pela enésima vez o feito, esclarecendo todos os detalhes, e terminou.

- Pode ficar em paz, compadre Nico, os homens desceram mesmo na lua...

O pingueiro ficou pensativo, olhar perdido, gastou uns bons 3 minutos em silêncio, matutando. Depois, ergueu-se ligeiramente no catre, olhou firme para o amigo, apontou o dedo indicador para o nariz do farmacêutico e gritou, incisivo:

- Mintira, cumpade...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**